

EDUCACAO PARA A PAZ E DIREITOS HUMANOS: CONTRIBUIÇÕES DE PAULO FREIRE

CRITICAL EDUCATION AND HUMAN RIGHTS: THE CONTRIBUTIONS OF PAULO FREIRE

Sidney N. Oliveira*

RESUMO

Educar criticamente é construir no espaço escolar uma utopia que privilegie a emancipação formando cidadãos comprometidos com uma sociedade mais justa e devidamente implicados na promoção dos direitos humanos. Significa eleger um projeto político pedagógico construído coletivamente e democraticamente pode favorecer a alteridade e o desejo por uma sociedade que reconheça a singularidade de seus indivíduos e os projetos coletivamente compartilhados. A grande contribuição de Paulo Freire foi de ter repetido inúmeras vezes que a educação escolar ultrapassa esse ponto, pois sempre defendeu que era necessário construir socialmente a competência de ler o mundo. Aqui estão as bases de uma educação escolar crítica voltada para a autonomia e, conseqüentemente emancipação do aluno.

Palavras-chave: educação crítica, direitos humanos, emancipação.

ABSTRACT

Critically educating is to construct in the school space an utopia that favors the emancipation forming citizens compromised with a more just society and implicates in the promotion of human rights. This signifies to elect a political pedagogical project built collectively and democratically that can encourage otherness and the desire for a society that recognizes the uniqueness of its individuals and projects shared collectively. The great contribution of Paulo Freire was to repeat many times that school education beyond that point, as always maintained that it was necessary to build the social competence to read the world. Here are the bases of a critical school education geared towards autonomy and, consequently emancipation of the student.

Keywords: critical education, human rights, emancipation.

Aprender - desde o início da vida escolar, é construir competências para lidar com a diversidade e reagir democraticamente aos conflitos e discordâncias. É parte importante que constitui conteúdos, procedimentos e atitudes de uma educação escolar crítica não será radical suficiente para a amplitude que o processo exige. Instrumentaliza e operacionaliza investigação das causas e a construção das alternativas.

A obra de Paulo Freire ressaltou que a leitura do mundo precede a leitura da palavra em um processo contínuo e progressivo de releitura do mundo. As contribuições de Freire estão incluídas em uma pedagogia emancipadora que pretende formar um cidadão crítico e responsável. A partir dessa perspectiva entende-se que é necessário alfabetizar-se para o mundo, aprender a entendê-lo, vendo o que tem de ruim e de bom e ser capaz de fazer suas próprias escolhas.

A opção por libertar ou domesticar está nas políticas educacionais e nas normas que regulam a gestão e a didática nas escolas, mas também está nas mãos dos educadores desde o início da vida escolar e prossegue pela escola, pela universidade e pela vida. Seja em que nível for, seja de que modo for à educação sempre será um ato político. Não é diferente no início da vida escolar.

Nessa linha, entende-se que uma visão mais ampla do processo de educação escolar inclua elementos fundamentais da cidadania, dentre os quais, o respeito à dignidade e direitos humanos, a justiça social, a igualdade na diversidade, a convivência e, evidentemente, a paz.

Mas a idéia de uma educação voltada ao respeito e a promoção da cidadania deve ser aceita e defendida por todos os envolvidos direta e indiretamente na educação. O respeito e a promoção dos direitos humanos devem ser ponto comum entre educando, educador, a escola e a comunidade onde estão inseridos.

Em uma visão libertadora a educação escolar não está preocupada apenas em atender as necessidades do mercado, nem tão pouco arcará sozinha com a transformação social. Em uma perspectiva politicamente emancipadora a educação escolar objetivará a conscientização crítica que possibilitará as pessoas a mudarem a sociedade

Essa questão também ocorre com a educação para a paz que não instalará a paz automaticamente na sociedade, mas possibilitará que as pessoas estejam conscientes e críticas em relação a essa questão e aprendam desde o início da sua vida escolar a conviver com as diferenças e a resolver de modo não-violento os seus conflitos.

A partir daí, pode-se inferir que a leitura do mundo passa a ser possível por meio de letras e números, mas não se reduz a isso. É importante saber respeitar a leitura de mundo que cada aluno traz de casa. Saber escutá-lo significa estar em sintonia com comunidade. Essa deve ser a condição inicial para que esse diálogo possa acontecer. Os

alunos e a comunidade precisam ser “notados” em sua particularidade e riqueza pelos educadores e pela escola.

A cidadania passa pela infinita janela que se abre com a educação escolar por que permite a pessoa conhecer o mundo a sua volta. Mas para isso é preciso que a pessoa seja capaz de contextualizar e interpretar os fatos, idéias, palavras, atitudes, direitos e deveres, entre outros.

Educar para um mundo melhor significa conhecer o aluno e o contexto em que esse aluno está inserido. Além de conhecer é necessário respeitar e contribuir para a inclusão escolar e, principalmente, social desse aluno. Não são mudanças fáceis, mas cada vez mais urgentes. Só assim se pode ler continuamente e criticamente o mundo.

É possível pensar que os valores básicos da cidadania possam ir sendo trabalhados desde o início da vida escolar, não só na sala de aula, mas em toda a escola e nas relações desta com a comunidade. Todos têm que estar envolvidos em um projeto comum. A educação não pode abrir mão de seu decisivo papel em relação ao futuro e a educação escolar é a etapa inicial dessa longa caminhada. A escola pode contribuir muito para que uma nova cidadania seja construída.

A propaganda modernidade na educação tem sido uma das grandes armadilhas de uma sociedade que privilegia poucos. Tornou-se cada vez mais forte a ausência do estado da educação, outrora uma de suas funções básicas. Com o aumento cada vez maior da miséria, da injustiça social e das mais diversas formas de exclusão, gerando efeitos terríveis, dentre os quais a violência.

As mais cruéis formas de violência atingiram as grandes cidades e a vida digna passou a ser cada vez mais improvável para a maioria dos brasileiros. A escola cada vez mais excludente ou na sua organização ou como consequência da sociedade que obriga a criança a trabalhar.

A escola deixou de ser lugar sagrado ou imune a violência. Não seria absurdo presumir que raramente tenha sido, pois apenas disfarçava a violência. Entretanto, diante do caos social se viu atropelada por uma onda impressionante de violência e se viu invadida e atolada pelo mesmo cenário que via do lado de fora.

Nas últimas décadas algumas mudanças têm sido percebidas no cenário educacional brasileiro. Infelizmente são mudanças para pior, ou seja, altos índices de reprovação e evasão escolar e outras tantas formas de exclusão.

Em tempos de desesperança e resignação e de uma opressão sutil e disfarçada resgatar velhos conceitos de libertação, conscientização e esperança, a educação precisa retomar seu papel de vanguarda na luta por uma sociedade mais democrática.

O conceito atual de educação vai muito mais além de uma formação técnica e científica. Educar exige a formação cidadã e política que confere a escola um papel de resistência e alternativa ao capitalismo injusto que domina a sociedade sob a cumplicidade da educação tradicional. A educação deve incorporar a luta por outra forma de viver em sociedade.

A questão da violência na escola é contextualizada por uma sociedade excludente que ensina informalmente a resolução violenta dos conflitos. Uma educação libertadora inserida dentro ou fora da escola poderia estimular a construção coletiva de políticas, projetos e programas que tomassem como ponto de partida a possibilidade de convivência na diversidade e efetivasse uma educação para a paz.

Uma educação para a paz deve levar em conta todas as diferenças. Que escute as contradições e as exclusões que seu povo enfrenta. Educar para a igualdade na diversidade, esse será o grande desafio na construção de uma educação para a paz.

A construção de uma educação emancipadora se faz a partir da opção do educador com uma pedagogia crítica e libertadora que se comprometa com a dimensão individual e social da aprendizagem, que possa saber ouvir as pessoas envolvidas e saber respeitar as diferentes culturas em questão.

A cidadania passa pela infinita janela que se abre com a educação escolar por que permite a pessoa conhecer o mundo a sua volta. Mas para isso é preciso que a pessoa seja capaz de contextualizar e interpretar os fatos, idéias, palavras, atitudes, direitos e deveres, entre outros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BETTHELHEIM, Bruno & ZE LAN, Karen. Psicanálise da Educação escolar. Artes Médicas: Porto Alegre, 1992.

FREIRE, Paulo. Conscientização. Cortez e Moraes: São Paulo, 1979.

_____. Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar. Olho d água: São Paulo, 1995.

_____. Pedagogia da Autonomia. Paz e Terra: São Paulo, 1997.

_____. Pedagogia do Oprimido. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 2000.

_____. Pedagogia da Indignação. UNESP: São Paulo, 2001.

GALTUNG, Johan. Paz por medios pacificos – Paz y conflicto, desarrollo y civilizacion. International Peace Research Institute, Oslo, 1996.

GIMENO SACRISTAN, J. Educar e conviver na cultura global. ARTMED: Porto Alegre, 2002.

JARES, Xesus. Aprender a conviver. Xerais:Vigo, 2001.

_____. Educação para a Paz: Sua Teoria e sua Prática. Artes Médicas: Porto Alegre, 2002a.

_____. Educação e conflito. Porto: Porto, 2002b.

_____. Educar para a Paz - entrevista para revista “A Página da Educação”, Porto, maio de 2003.

_____. Educar para la paz em tiempos difíciles. Bakeas:Bilbao, 2004.

PEREZ GOMEZ, A I. A Cultura Escolar na Sociedade Neoliberal. ARTMED: Porto Alegre, 2001.

POWER, Colin. A resposta da UNESCO de criar unidade na diversidade. In CAMPBELL, Jack (org.). Construindo um Futuro Comum: Educando para a Integração na Diversidade. UNESCO: Brasília, 2002.

RAYO, José. Educação em Direitos Humanos. Artes Médicas: Porto Alegre, 2004.

SANTOME, Jurjo. A educação em tempos de neoliberalismo. ARTMED: Porto Alegre, 2003.